

**METODOLOGIAS DE ANÁLISE URBANA: DAS PRIMEIRAS CRÍTICAS DO  
URBANISMO MODERNO AOS DIAS ATUAIS**

*URBAN ANALYSIS METHODOLOGIES: FROM THE FIRST CRITICISMS OF MODERN  
URBANISM TO THE PRESENT DAY*

**Luciane Tasca**

Professor Doutora, UFJF, Brasil  
luciane.tasca@ufjf.br

**Mauro Santoro Campello**

Professor Mestre, UFJF, Brasil  
mauro.campello@ufjf.br

**Bernardo Lima Pinto Barcellos**

graduando, UFJF, Brasil  
bernardo.barcellos@arquitetura.ufjf.br

**Annelise Mendonça Cesar**

graduanda, UFJF, Brasil  
annelise.cesar@arquitetura.ufjf.br

**Patricia Nogueira Alves**

graduanda, UFJF, Brasil  
patricia.nogueira@arquitetura.ufjf.br

**Pedro Loures Avelar**

graduando, UFJF, Brasil  
loures.pedro@estudante.ufjf.br

## RESUMO

Com a finalidade de realizar uma revisão bibliográfica das metodologias de análise urbana, a partir das primeiras críticas ao urbanismo moderno até os dias atuais, objetiva-se refletir sobre questões urbanas, com foco nos autores que atuavam no campo do urbanismo e da arquitetura nos anos 60 e naqueles autores que retomaram as discussões sobre os estudos urbanos posteriormente. A intenção é revisitar os mestres que empolgaram as décadas de 60, 70 e 80 do século XX e os que buscaram, posteriormente, cobrir o abismo entre planejamento urbano, projeto de arquitetura e urbanismo e metodologias de análise da cidade. A temática apresenta grande relevância acadêmica, tendo em vista a dificuldade em encontrar materiais didáticos que deem suporte aos estudos sobre as transformações das cidades, entendendo-as, para propor mudanças sustentáveis. Espera-se contribuir para o estudo das cidades, com este material que fornece uma leitura, conforme elucida a arquiteta e crítica Marina Waisman que busca a interpretação das questões que envolvem a análise urbana no período selecionado, sistematizando-a em uma linha do tempo que sobrepõe categorias de análise e considera o contexto no qual estão inseridas. Tal trabalho fomenta discussões e reflexões sobre o urbanismo, que acarreta também no pensar a cidade em que vivemos atualmente, visto que, diferentemente da historiografia geral, que tem por objeto de estudo algo que deixou de existir no tempo, a historiografia da arquitetura e do urbanismo, tem por objeto algo existente no presente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Metodologia de análise urbana. Estudos urbanos. Arquitetura e urbanismo.

## ABSTRACT

*In order to carry out a bibliographic review of urban analysis methodologies, from the first criticisms of modern urbanism to the present day, the objective is to reflect on urban issues, focusing on authors who worked in the field of urbanism and architecture in the 1990s. 60 and in those authors who resumed discussions on urban studies later. The intention is to revisit the masters who excited the 60s, 70s and 80s of the 20th century and those who later sought to bridge the gap between urban planning, architecture and urbanism design and methodologies for analyzing the city. The theme has great academic relevance, considering the difficulty in finding didactic materials that support studies on the transformations of cities, understanding them, in order to propose sustainable changes. It is expected to contribute to the study of cities, with this material that provides a reading, as elucidated by the architect and critic Marina Waisman, who seeks to interpret the issues that involve urban analysis in the selected period, systematizing it in a timeline that overlaps categories of analysis and considers the context in which they are inserted. Such work fosters discussions and reflections on urbanism, which also entails thinking about the city we currently live in, since, unlike general historiography, which has as its object of study something that ceased to exist in time, the historiography of architecture and urbanism, has as its object something existing in the present.*

**KEY WORDS:** Urban analysis methodology. Urban studies. Architecture and urbanism.

## 1 INTRODUÇÃO

Neste artigo inédito, não publicado e não submetido a nenhum outro evento e/ou revista, atuamos de forma exploratória sobre os estudos no campo dos espaços públicos e as cidades, que se desenvolveram mais ativamente a partir da década de 60 do século XX.

Buscando compreender a complexidade da vida urbana e elencar ferramentas simples e pesquisas sistemáticas que possam tornar mais compreensivas as mudanças pelas quais as cidades passaram ao longo do tempo, nos apoiamos em Gehl (2018), entendendo que uma boa arquitetura garante uma boa interação entre o espaço público e a vida na cidade, e que a vida na cidade muda constantemente no decorrer de um dia, semana ou mês, que dirá no decorrer de anos. Por isso é importante criarmos um ambiente que valha a pena para bilhões de pessoas que, diariamente, circulam entre edifícios nas cidades em todo o mundo.

Vendo a cidade como um conjunto de ruas, becos, edifícios, praças, marcos, pontos nodais,<sup>1</sup> precisamos compreender também, num sentido mais amplo, tudo que acontece entre esses espaços, revelando o essencial que é a inter-relação entre a vida e o espaço em todos os seus aspectos.

Sposito (1994) nos mostra que as cidades como formas espaciais produzidas socialmente, mudam ao longo de sua história, recebendo reflexos e dando sustentação às transformações estruturais que aconteceram na passagem da manufatura para o modo de produção capitalista, nos séculos XVIII e XIX. Com o novo ritmo de produção impresso pela industrialização, ocorreram mudanças que impactaram sobremaneira no crescimento populacional e no adensamento de núcleos urbanos que viriam a se transformar em grandes metrópoles no século XX.

A crescente especialização funcional que a industrialização provocou, e a ampliação dos mercados, reforçou a divisão social do trabalho que se manifestou a nível espacial em divisão territorial do trabalho. As cidades receberam assim, diretamente as consequências do rápido crescimento populacional, sofrendo transformações significativas no nível da estruturação de seu espaço interno.

O interesse em conhecer e atuar na cidade, conforme Corrêa (2004), deriva do fato de ser ela o lugar onde vive parcela crescente da população. Mas também, de ser o lugar onde os investimentos de capital são maiores e os conflitos sociais têm grande projeção. Atualmente, a população mundial está na ordem dos 8 bilhões de pessoas,<sup>2</sup> e somente no Brasil de 2010 a 2022 a população cresceu 6,5% chegando a 203,1<sup>3</sup> milhões de pessoas em 2022. Neste mesmo ano,

---

<sup>1</sup> Ver LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. Destaque à 1ª Edição: **The Image of the city**. MIT Press, Cambridge, MA, 1960.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://brazil.unfpa.org/pt-br/publications/situacao-da-populacao-mundial-2023-8-bilhoes-de-vidas-infinitas-possibilidades#:~:text=da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20mundial-Situa%C3%A7%C3%A3o%20da%20Popula%C3%A7%C3%A3o%20Mundial%202023%20%2D%208%20Bilh%C3%B5es%20de%20Vidas%2C%20Infinitas,defesa%20de%20direitos%20e%20escolhas&text=Novos%20dados%20revelam%20que%20o,manter%20as%20taxas%20de%20fecundidade> Acesso em: 18 ago 2023.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37237-de-2010-a-2022-populacao-brasileira-cresce-6-5-e-chega-a-203-1-milhoes> Acesso em: 18 ago 2023.

segundo o IBGE (2022) as concentrações urbanas abrangeram 124,1 milhões de pessoas, representando 61%.

Ainda para Corrêa (2004), o espaço urbano pode ser analisado como um conjunto de pontos, linhas e áreas, que podem ser elaboradas a partir da percepção de seus habitantes. Outra forma de análise considera o espaço através de suas conexões com a estrutura social, seus processos e funções urbanas. E acrescenta-se também a abordagem do espaço urbano como um paradigma do consenso ou do conflito.

O espaço urbano é então, simultaneamente, fragmentado e articulado, sendo que cada uma de suas partes mantém relações espaciais com as demais, com intensidade variável. Podemos ver essas relações empiricamente através de fluxos de veículos e de pessoas, aos deslocamentos quotidianos entre áreas residenciais e diversos locais de trabalho, lazer, comércio e serviços, visitas a parentes, idas ao cinema, cultos religiosos, praia, parques.

Destacamos conforme Moreno (2002) que o momento em que a cidade passou a ser encarada de forma mais atenta pela sociedade como um todo aconteceu no século XX, podendo-se perceber o aparecimento do planejamento urbano e regional sobre uma base codificada e profissionalizada, ou seja, uma forma de o Estado manter o controle sobre a cidade. Em 1904 lançava-se na Alemanha a primeira revista a tratar de assuntos correlatos, chamada *Der Stadtebau*, e em 1910, criou-se o termo urbanismo (do latim *urbs*, cidade) pelos franceses.

Ainda nas primeiras décadas do século XX, apenas 10% da população mundial vivia em cidades, mas esse percentual muda drasticamente daí para frente. A expansão das estradas de ferro, o aparecimento do automóvel, o transporte urbano sobre trilhos (metrô), os novos sistemas construtivos, as novas redes de serviços urbanos (gás, telefone, eletricidade) e os arranha-céus vão dando mais dinâmica à expansão urbana.

O conceito de urbanismo passa a ser preconizado para dar solução para as questões urbanas que vão surgindo, e começam a tomar forma as ideias sobre as cidades ideais, como a cidade-jardim de *Letchworth*, na Grã-Bretanha, em 1903 com Barry Parker e Raymond Unwin. E, com Ebenezer Howard nos arredores de Londres, com o projeto de cidades com tamanhos prefixados de no máximo 32 mil habitantes (MORENO, 2002). Paralelamente, em Chicago, Louis Sullivan em 1904 inicia-se a escola de arquitetura de arranha-céus, com o projeto de uma loja de departamentos e a chegada dos automóveis em Paris em 1910, inspira os primeiros projetos de viadutos e rotatórias com passagens subterrâneas para pedestres.

Como importante marco nessa busca de traçar uma historiografia urbana, tem-se a criação da Bauhaus em 1910 pelo arquiteto alemão Walter Gropius dando início ao modernismo, que podemos entender como um pano de fundo para o florescimento de um urbanismo que procura desesperadamente o equilíbrio do ambiente construído.

Entre 1910 e 1920 não apenas os urbanistas se dedicaram a pensar e definir o futuro das cidades. O industrial Henry Ford, por exemplo, ao difundir o uso do automóvel difundiu igualmente a expansão urbana. Da mesma forma, o biólogo e sociólogo escocês Patrick Geddes, contribuiu para o urbanismo com uma série de escritos sobre a evolução das cidades, sendo um dos primeiros a chamar a atenção para o fato de que as novas tecnologias e seus produtos provocariam ao mesmo tempo o espalhamento horizontal e a fusão de centros como Londres e Manchester ou Nova York e Boston. Durante o IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), em 1933 divulga-se a Carta de Atenas, que adota um modelo universal de

cidade funcional, seguindo quatro funções: habitar, trabalhar, cultivar o corpo e o espírito e circular. Destaque para Charles Edouard Jeanneret, mais conhecido como Le Corbusier.

No entanto, a ressaca não demorará a vir, sendo que a homogeneidade trazida pela estandardização e o zoneamento das cidades foram apontados como causadores da monotonia e do tédio instalado nas cidades. A abolição da rua revelava-se fonte de dissociação, e os espaços vazios tornaram-se inúteis e perigosos, como lembra Choay (1979).

Hall (1996) revela que entre 1949 e 1957, Nova York gastou em renovação urbana o dobro de todas as demais cidades americanas juntas no mesmo período. A rejeição ao urbanismo moderno vai estar presente na jornalista canadense, Jane Jacobs, que irá liderar um movimento local para a preservação do West Greenwich Village, fato que ela exporia em seu mais famoso livro, *Morte e vida de grandes cidades*.

Em virtude desses acontecimentos, nos anos 60, vozes críticas começaram a indicar que havia algo de errado com muitos bairros em construção em números inéditos, durante esse período de rápido crescimento urbano. Faltava alguma coisa difícil de definir, mas que se revelava em conceitos como as ‘cidades-dormitório’ e ‘empobrecimento cultural’. A vida entre os edifícios havia sido esquecida, deixada de lado em função dos automóveis, da visão de larga escala e dos processos excessivamente racionalizados e especializados. Entre os principais críticos podemos destacar, segundo Gehl (2018), Jane Jacobs e William H. Whyte em Nova York, Christopher Alexander em Berkeley e Jan Gehl em Copenhague.

Os pioneiros dos estudos sobre as cidades desempenharam os passos básicos para o melhor entendimento do conceito efêmero de vida na cidade e sua interação com o espaço público e as edificações. Seu método era estudar as cidades existentes, em geral pré-industriais, para obter conhecimentos basilares sobre como seu uso e deslocamento. Muitas obras publicadas desde os anos de 1960 até meados dos anos de 1980 ainda são consideradas textos fundamentais para os estudos da vida nas cidades e, apesar dos métodos descritos terem sido posteriormente refinados e novos interesses e tecnologias terem surgido, os princípios e métodos básicos foram desenvolvidos naquele período.

Até meados dos anos de 1980, os trabalhos foram efetuados sobretudo por instituições acadêmicas, mas ao final daquela década, estava claro que as análises e princípios referentes à vida nas cidades deveriam ser convertidos em ferramentas que pudessem ser usadas diretamente na prática do planejamento urbano. Por volta dos anos 2000, tornou-se objetivo estratégico, tanto de arquitetos e urbanistas, quanto de políticos, melhorar as condições de vida das pessoas para terem vantagens na competição entre as cidades que se instalou com o processo da globalização e da chamada guerra fiscal. Era preciso criar cidades sedutoras para as pessoas e atrair novos residentes, turistas, investidores e empregados para preencher os novos empregos na sociedade do conhecimento e da informação. Para tal, era imprescindível entender as necessidades e comportamentos das pessoas, fatos que Del Rio (1990) cita como suscetíveis às próprias qualidades ambientais e ao desenho do espaço urbano, frisando a importância de compreender tais inter-relações em encaminhamentos como o de Lang (em 1987).

Ascher (2010) faz uma interessante classificação das revoluções urbanas: 1) a primeira modernidade, que ele chama de paleurbanismo e as primeiras utopias; 2) a segunda modernidade que produziu os modelos e deram nome ao urbanismo; 3) a terceira modernidade

que fez emergir novas atitudes diante do futuro, novos projetos, modos de pensar e ações diferenciadas, que ele chama de neourbanismo ou novo urbanismo. Para esse autor, a terceira revolução urbana já começou faz tempo, onde podemos notar a evolução considerável nas práticas dos cidadãos, nas formas das cidades, nos meios, motivos e locais de deslocamento, das comunicações e das trocas, nos equipamentos públicos e serviços, nas tipologias dos lugares urbanos, nas atitudes em relação à natureza e ao patrimônio a ser preservado.

Outro ponto que merece destaque, conforme Rogers (2013) é que a sobrevivência da sociedade sempre dependeu da manutenção do equilíbrio entre as variáveis de população, recursos naturais e meio ambiente. Alertamos que, o descaso atual em relação a estes princípios vêm causando graves consequências no meio ambiente natural e construído. É preciso lembrar que estamos sujeitos às leis de controle da sobrevivência, entretanto, somos os primeiros a constituir uma civilização global e, portanto, os primeiros a enfrentar a expansão da população a nível mundial e a destruição dos recursos naturais e do meio ambiente. É assim uma ironia que as cidades, o habitat da humanidade, sejam o maior agente destruidor do ecossistema e a maior ameaça para a sobrevivência da humanidade no planeta. Farr (2013) nos lembra, que apesar desse tema ser atualmente um dos mais tratados nos estudos sobre o presente e o futuro das cidades, o crescimento urbano inteligente (*Smart Growth*) teve suas raízes no movimento ambiental dos anos de 1970, que foi reforçado pela pauta legislativa com foco ambiental do então Presidente dos Estados Unidos Richard Nixon. Já em 1996 o movimento do crescimento urbano inteligente toma uma pauta mais ampla, com a criação dos 10 princípios do crescimento urbano inteligente, iniciado por Harriet Tregoning.

Nesse caminho, percebemos que a atualidade oferece uma oportunidade histórica para que a sociedade repense onde e como vive, trabalha e se diverte, compra e constrói suas referências na paisagem. O caminho para um estilo de vida sustentável se constrói com base nos princípios do crescimento urbano inteligente, otimizando os deslocamentos, priorizando os modais de transporte sustentáveis e de menor impacto na emissão de gases tóxicos, requalificando os espaços públicos tornando-os atrativos e convidativos às pessoas.

Assim como Rogers (2013) acreditamos piamente que a arquitetura, o urbanismo e o planejamento urbano podem evoluir ainda mais para nos proporcionar ferramentas cruciais que garantam nosso futuro através da criação de cidades com ambientes sustentáveis e civilizados.

No Brasil, mais do que em outras nações latino-americanas, importantes estudos urbanos como o de Campos Filho (2010), ressaltam a importância de buscarmos suprir a enorme desinformação sobre as questões urbanísticas, para obtermos uma melhor organização de nossa vida cotidiana no espaço da cidade.

Diante do exposto, neste artigo, entendemos que é de grande importância que ofereçamos contribuições para a reflexão sobre as questões urbanas, colocando em prática nossa ação cidadã e participativa, tornada obrigatória pelo próprio Estatuto da Cidade e à qual pouco ainda fazemos uso. Raciocinando em relação à organização do espaço das cidades, conhecendo bem as consequências para as nossas vidas cotidianas, podemos buscar alternativas para a melhoria da qualidade de vida de milhares de pessoas.

## 2 OBJETIVOS

A pesquisa foi desenvolvida com a finalidade de realizar uma revisão bibliográfica das metodologias de análise urbana, a partir das primeiras críticas ao urbanismo moderno até os dias atuais. Objetiva-se refletir sobre questões urbanas a partir de autores diversos, possuindo a obra *Introdução ao Desenho Urbano*, de Vicente del Rio em 2001, como principal norteadora para elencar tais autores, seguindo o recorte temporal estabelecido, visto que

uma seleção é indispensável, ainda que apenas para reduzir a totalidade a uma dimensão compreensível. Em seguida, virão a organização, as articulações, as valorizações, por meio das quais se tentará dotar de sentido o panorama traçado. Porque a história não é uma simples narração: é uma sucessão de juízos. (WAISMAN, 2013, p.3)

Conforme elucida a arquiteta e crítica Marina Waisman, o estudo de um tema se trata de um juízo a todo momento, inclusive na decisão de fazê-lo. Portanto, esta pesquisa se trata da sucessão de juízos, isto é, decisões, discussões, estudos e análises feitas pelos pesquisadores acerca do tema, a fim de chegar ao resultado da interpretação das questões que envolvem a análise urbana no período selecionado, sistematizando-a em uma linha do tempo que sobrepõe categorias de análise e considera o contexto no qual estão inseridas. Tal trabalho fomenta discussões e reflexões sobre o urbanismo, que acarreta também no pensar a cidade em que vivemos atualmente, visto que, diferentemente da historiografia geral, que tem por objeto de estudo algo que deixou de existir no tempo, a historiografia da arquitetura, e também do urbanismo, tem por objeto algo existente no presente, de forma que “o historiador tem que partir dessa realidade presente” (WAISMAN, 2013, p. 11).

O desenvolvimento do presente trabalho caracteriza-se, tendo em vista o objetivo de compreensão e sistematização dos pensamentos e relações associados ao urbanismo e às metodologias de análise urbana pós-modernas, pela realização de uma revisão bibliográfica atrelada, constantemente, ao entendimento holístico do contexto no qual as teorias em debate estão inseridas. Assim, diante da impossibilidade do estudo das metodologias de análise urbana na ausência da contextualização histórica, social, geográfica e política, torna-se imprescindível que a construção deste trabalho se dê de maneira interdisciplinar, abrangendo aspectos tangentes aos contextos nos quais os autores estão inseridos, e não de forma isolada.

O recorte temporal em questão, portanto, ao abranger o período a partir do qual as primeiras críticas ao urbanismo moderno se fizeram concretas, no entremeio das décadas de 1950 e 1960 até os dias atuais, traz consigo diversas reflexões sobre as quais este estudo objetiva entender e abranger no processo de revisão bibliográfica. Dentre esses aspectos decorrentes do contexto geral em que as obras estudadas se inserem, destacam-se as noções, em boa parte das teorias, do enfoque numa radical crítica ou contraposição em relação ao Movimento Moderno, no que tange aos processos urbanos, uma vez que, em boa parte das metodologias de análise, enfatizava-se uma idiossincrasia e a variedade das formas e percepções da cidade. Esta característica, decorrente do contexto histórico, fica muito clara, por exemplo, nas concepções de análise a partir do ‘townscape’ (em 1948 com Thomas Sharp), que é uma categoria de análise subjetiva, intrinsecamente dependente da capacidade de observação e interpretação do

pesquisador e, conseqüentemente, permeada e embebida num sistema próprio de valores e noções.

### 3 METODOLOGIA

Existem diversas teorias e propostas metodológicas para se entender a cidade, em suas partes e no seu todo. Entretanto, cada uma dessas teorias leva a análises específicas sob certos ângulos da realidade. Dificilmente, conseguiremos estabelecer uma proposta metodológica ou teoria holística em sua natureza capaz de nos possibilitar uma compreensão completa do urbano.

Adotando Waisman (2013) como base para uma leitura historiográfica das metodologias de análise do urbano, sob o olhar dos latino-americanos, tomamos a postura similar à da autora, buscando, como um caçador, recursos para delimitar o tema, buscando nos diversos recortes encontrados, promover uma análise que nos clareie esse campo do conhecimento, e principalmente, remeta e traduza esse saber europeizado para nosso continente latino-americano, sobretudo o Brasil.

Sabemos que a construção do conhecimento científico passa pelo reconhecimento de lacunas envolvendo a organização e a discussão de um assunto de pesquisa. Dessa forma, a revisão narrativa, pareceu-nos apropriada para descrever o estado da arte desse assunto, sob o ponto de vista teórico ou contextual, possibilitando-nos ainda uma interpretação e análise crítica, bem como a atualização de conhecimento sobre um determinado tema em curto período.

Partindo desses preceitos, nosso foco neste trabalho foram os autores que atuavam no campo do urbanismo e da arquitetura nos anos 60 e naqueles autores que retomaram as discussões sobre os estudos urbanos na atualidade. A intenção é revisitar os mestres que empolgaram as décadas de 60, 70 e 80<sup>4</sup> do século XX e os que posteriormente, atuaram na área cobrindo o abismo entre planejamento urbano, projeto de arquitetura e urbanismo e metodologias de análise da cidade. Tratou-se aqui de reconhecer a crise na Arquitetura Moderna e o criticismo geral que o planejamento urbano atraiu.

Para tal, utilizamos como base os estudos sobre desenho e projeto urbanos do arquiteto brasileiro Vicente Del Rio, considerado um dos mais destacados pensadores nesta área no Brasil. Interessa-nos sobretudo, neste autor, a busca de produzir conhecimento sobre as metodologias básicas no processo de planejamento das cidades, proporcionando um material didático com objetivos acadêmicos, voltado para profissionais de arquitetura e urbanismo, geografia, história, ciências sociais entre outros campos.

É interessante também apontar o recorte do objeto de estudo, que aqui é entendido como um conjunto historiográfico que tem por objetivo compor um quadro do estudo em 'Análise Urbana'. Isso se torna claro na sistematização de Del Rio (1990), que compõem uma metodologia de análise a partir de disciplinas complementares como as Ciências Sociais,

---

<sup>4</sup> Por pura homenagem citamos, nos anos 60: Kevin Lynch, Jane Jacobs, Gordon Cullen, Bernard Rodowsky, Paul Davidoff, Fraçoise Choay, Christopher Alexander, Robert Venturi, Aldo Rossi, Herbert Gans, Edmund Bacon e Amos Rapoport. Nos anos 70: Robert Goodman, Jonh Turner, Manuel Castells, Charles Jencks, Christian Norberg Schulz, E. F. Schumacher, Peter Blake, Rob Krier, Leon Krier e Colin Rowe. E, nos anos 80: Kenneth Frampton, Jonathan Barnett, Donald Appleyard, Allan Jacobs e David Gosling.

Geografia, Psicologia, Antropologia e Sociologia. Assim, o entendimento dos limites desse objeto são 'plurais', inserindo-se aqui Panerai (2006) na sua compreensão de que os instrumentos de análise detêm uma generalidade necessária, já que eles têm de ser suficientemente genéricos para que possam ser aplicados a qualquer cidade.

Acreditando que precisamos do conhecimento de diversas teorias, utilizando-as de forma específica para a visão de um problema, ou fazendo uso delas na sua complementaridade, partimos do entendimento de que existem alguns manuais de desenho que se configuram como receitas metodológicas (DEL RIO, 1990). Podemos considerar, nessa caça às referências principais dos anos 60, que se pautavam pela crítica ao modernismo e a busca por respostas para uma efetiva melhora na qualidade de vida urbana, o trabalho de Kevin Lynch, em 1962 como o livro *Site Planning*, onde o autor aborda "o planejamento do sítio e a perfeita implantação do projeto em seu contexto urbano e natural" (DEL RIO, 1990. p. 67).

Talvez Lynch e Jacobs, tenham sido representantes desse limiar de questionamentos e insatisfações dos anos de 1960 em diante. Talvez, nessa angustiada busca por procedimentos metodológicos e sua aplicação, esses autores e outros como, Norberg-Schulz e David Canter tenham ido a fundo nas análises do urbano mais aproximadas da fenomenologia, importante fortalecedora do embasamento humanístico. Aqui, nos interessa o conceito de espaço existencial, o 'genius loci', o caráter, a identidade, a qualidade de um lugar, juntamente com o conceito de 'sentido de lugar', aquela qualidade indescritível que diz tudo sobre a qualidade físico-ambiental dos espaços urbanos (DEL RIO, 1990). Nesse aspecto, entendemos que para possibilitar um enfoque metodológico que contemple essas questões necessárias para a compreensão dos fenômenos urbanos é preciso buscar dimensões sob a ótica do usuário.

Assim, apoiando-nos em Del Rio (1990) para encontrar os autores e suas metodologias de análise urbana, nos baseamos no conceito de lugar como aquele que expressa a qualidade físico-ambiental dos espaços urbanos, sendo gerado pela sobreposição de três esferas da nossa consciência: 1) atividades ou usos; 2) atributos físicos e 3) as concepções e imagens. Adotaremos, então, para fins de "facilidade do trabalho e por conformarem teorias e dimensões de análise bastante distintas", a divisão da esfera concepções e imagens em 3.1) análise visual e percepção do meio ambiente e 3.2) comportamento ambiental e morfologia urbana (DEL RIO, 1990).

#### 4 RESULTADOS

Mediante aos desdobramentos da presente pesquisa, verifica-se enquanto resultado uma organização visual em diagrama a partir do quadro teórico-epistemológico apresentado por Del Rio (1990) em sua proposta metodológica. Esses campos são caracterizados por abordagens em complementaridade, que se faz necessária para a compreensão dos fenômenos, compartilhando o usuário enquanto ponto de vista comum sendo 1) Morfologia Urbana; 2) Análise Visual; 3) Percepção do Meio Ambiente e 4) Comportamento Ambiental (DEL RIO, 1990, p. 70).

A primeira abordagem, **Morfologia Urbana** (DEL RIO, 1990, p. 70) tem sua origem no trabalho de geógrafos alemães e franceses em meados do século XX, e depois no dos ingleses, já nos anos de 1980. Apesar disso, a aplicação no campo da Arquitetura e do Urbanismo, será

melhor identificada na Itália na área de preservação histórica, onde os trabalhos de Saverio Muratori terão destaque. Esse autor será identificado como o primeiro a adotar análises tipológicas, reduzindo algumas características analíticas a uma variedade de formas existentes, a partir da definição de critérios para sua identificação e classificação.

Além disso, o enfrentamento da lógica modernista com a historicidade do ambiente construído, acabou por gerar o ambiente propício para envolvimento da Arquitetura e do Urbanismo nessa abordagem percebendo-se o grande afastamento do conhecimento histórico de instrumentos como a teoria e planejamento urbanos ao longo da primeira metade do século XX. (CATALDI, et al. 2002)

Não podemos deixar de mencionar Aldo Rossi (1966), entendido como reconhecido especialista no mérito da Morfologia Urbana, que perpassa pela dimensão arquitetônica da cidade, pautando sua materialidade enquanto estrutura, construído a partir de representativos históricos, a exemplo da valorização dos 'monumentos', elementos que frisam o aspecto da cidade representar um tecido humano historicamente e continuamente intervindo (DEL RIO, 1990, P. 71). Esta valorização também redundou em uma combinação de elementos tipológicos e na estruturação da organização física do tecido urbano.

Ainda mais contemporâneo, Philippe Panerai (1980) desenha um panorama amplo do campo de estudo, da Análise Urbana em sua publicação de mesmo nome, discutindo Morfologia Urbana e sua importância tomando parte também da prática administrativa de assentamentos urbanos, prática que somente compreende o fenômeno de Crescimento de uma cidade a partir de dados políticos, econômicos e sociais atrelado aos dados morfológicos - já que sua administração urge em continuamente responder a 'um novo corpo de cidade'. (PANERAI, 1980).

A segunda abordagem, a **Análise Visual** (DEL RIO, 1990, p.86) tem como trabalhos mais importantes os chamados pelo autor, de "Teorias/Métodos de Paisagem Urbana (townscape)". O termo surge, como é usado hoje, em 1948 empregado por Thomas Sharp. O conceito de "tela urbana" ou "cena urbana" (townscape) foi ainda introduzido e aprofundado por Gordon Cullen em sua obra *Concise Townscape* (1961), considerada uma pesquisa seminal no campo da análise urbana.

Tendo outros expoentes como David Gosling (1984), Kevin Lynch (1960) e Barry Maitland (1984), a metodologia de análise urbana a partir da Análise Visual caracteriza-se, portanto, pela compreensão individual e pela variedade das formas na cidade. A qualidade do townscape é, segundo essa corrente, fundamental para a qualidade de vida urbana e o design cuidadoso desses espaços pode ter um impacto significativo na experiência das pessoas. A partir desses preceitos, consolida-se uma nova maneira de olhar e compreender as cidades, enfatizando a importância da experiência e percepção visual e particular dos espaços urbanos. Essencial nesta discussão, Cullen (1961) aborda temas como a escala humana, o ritmo e a legibilidade dos espaços urbanos, enfatizando a criação de ambientes que sejam compreensíveis e convidativos para os indivíduos. O objetivo principal desse autor em sua preocupação com os aspectos visuais do ambiente é "a exploração do drama e dos efeitos emocionais sentidos a partir de nossa experiência visual dos conjuntos edificados" (DEL RIO, 1990, p. 87).

Em oposição diametral aos conceitos do urbanismo moderno, fica evidente, nesse momento, a importância da diversidade e variedade nas cidades, bem como a necessidade de preservar e reutilizar elementos históricos e tradicionais na construção da paisagem urbana.

A terceira abordagem, **Percepção do Meio Ambiente** (DEL RIO, 1990, p.92), se desenvolveu a partir de conceitos e métodos de psicologia, inspirando-se na Teoria da Gestalt (surgida em 1890) e as de Gibson (em 1950) e Piaget (em 1963). Tomando como princípio de que o homem se comunica através de um processo cognitivo, que é a construção do sentido em nossas mentes, este processo se caracteriza por fases distintas como a percepção (campo sensorial), a seleção (campo da memória) e atribuição de significados (campo do raciocínio).

Sobretudo, essa categoria pode ser reconhecida como um processo visual primordialmente, pois a visão é o sentido mais prevalente em nós.

No nosso trabalho, temos o interesse na compreensão das unidades selecionadas para compor a experiência visual, como a identificação das imagens públicas e a memória coletiva. Para nós arquitetos e urbanistas, a linha mais influente, que transita entre a segunda abordagem e essa, vem de Kevin Lynch (1960), ele próprio discípulo da Gestalt, que expandiu suas fronteiras e analisou a imagem mental que os habitantes tinham de sua cidade. O referido autor estabelece sua teoria em torno de três qualidades urbanas como conceitos de referência, sendo eles 1) legibilidade; 2) identidade, estrutura e significado e 3) imageabilidade. Ao cruzar as informações em mapas compostos, as imagens públicas que Lynch obteve identificavam claramente elementos urbanos que se destacavam em seu papel para a imageabilidade. Esses elementos altamente aplicáveis ao desenho urbano se transformaram em prática de uso na academia. Elencam-se então os percursos, limites, setores, nós, marcos,

Já a quarta abordagem, a do **Comportamento Ambiental** (DEL RIO, 1990, p.96) se baseia no preceito que o ambiente e sua configuração físico-espacial é capaz de influenciar diretamente na maneira como os usuários atuam no espaço e se comportam. Essa categoria, além de considerar a funcionalidade, ao ir de encontro com a psicologia, engloba outros aspectos como, por exemplo, questões ligadas à estética e a tecnologia (MOORE, 1984).

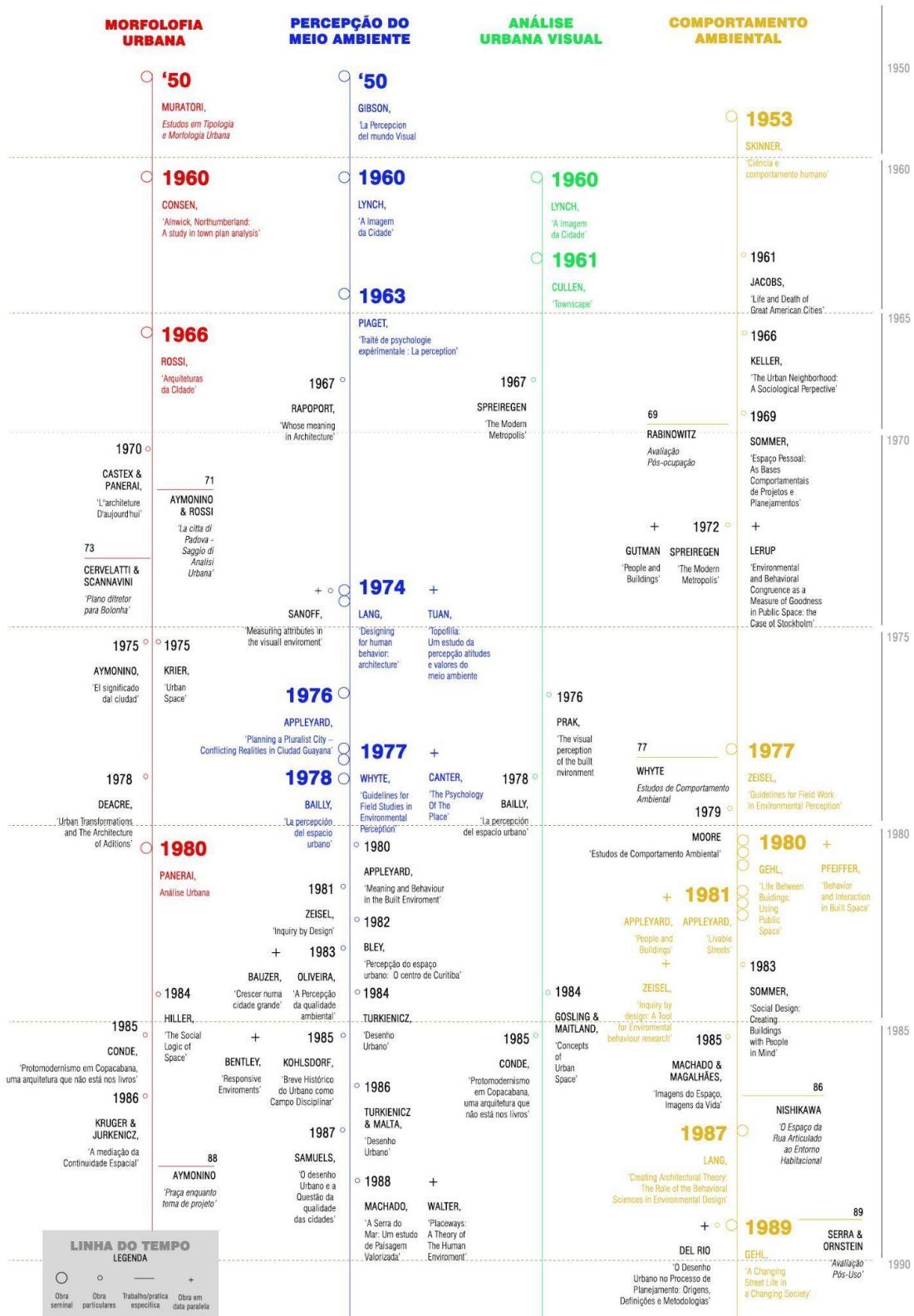
As questões básicas a serem respondidas são: Como as pessoas se relacionam com o meio ambiente construído? Quais são as suas necessidades? Como aplicar tais respostas no processo de projeto? Cada vez que um arquiteto move seu lápis ele faz suposições sobre as necessidades humanas e decide sobre como o meio ambiente construído pode melhor satisfazer essas necessidades (MOORE, 1984, p.65-66)

Os estudos pioneiros de profissionais como de Burrhus Frederic Skinner, em *Ciência e Comportamento Humano*, publicado no ano de 1953, e de Hall (em 1966) Sommer (em 1969 e 1983), foram essenciais para a inspiração de tantos outros expoentes relevantes. Dentre essas principais obras, destaca-se o trabalho de Jon Lang, *Creating Architectural Theory: The Role of the Behavioral Sciences in Environmental Design*, de 1987, em que o autor defende o papel das ciências comportamentais como importante base de conhecimento importante para o desenvolvimento de teorias para o design. Além dele, tantos outros autores foram essenciais, como Appleyard (em 1981), Pfeiffer (em 1980), além de John Zeisel, com a publicação, em 1984, de *Inquiry by Design: Tools for Environment Behavior Research*, assim como o de Jan Gehl, em especial, na sua obra *Life Between Buildings: Using Public Space* (em 1987).

A reunião de obras se dá em uma linha do tempo (Figura 1), colocando os quatro campos em ordenadas paralelas a um eixo temporal. Em cada uma, citam-se pontualmente períodos e datas particulares, visualmente hierarquizando sua repercussão para os referentes ao campo de estudo. Os trabalhos foram reunidos a partir do levantamento das obras referenciadas diretamente (no corpo do texto) ou indiretamente (presentes em bibliografia) na obra de Del Rio (1990).

A fim de sistematizar o desenrolar historiográfico dos estudos para melhor compreender seu andamento, definiram-se três categorias distintas visualmente presente nos eixos: (a) de obras seminais (com datas em destaque colorido), reconhecidamente paradigmáticas; (b) obras particulares (próximas lateralmente a linha principal com um círculo), entrepostos teóricos em trabalhos de maior envergadura ou obras de menor repercussão; e (c) trabalhos e práticas específicas, (em linhas de chamada) participação em projetos, plano diretores.

Figura 1: Linha do Tempo, contemplando os quatro campos de estudo



Fonte: AUTORES, 2023.

## 5 CONCLUSÃO

Antes dos anos 60, quando os estudos sobre a cidade não eram um campo acadêmico, tínhamos o olhar de fora do objeto cidade. As perspectivas se baseavam mais no ponto de vista intuitivo e estético, como Camillo Site em *Construccion de Ciudades Segundo Principios Artísticos*, publicado em 1889. Já em 1923, Le Corbusier com *Por uma arquitetura*, apresenta seu manifesto modernista sob o ponto de vista funcionalista, selando esse conceito com a Carta de Atenas em 1933.

Somente a partir da crise modernista iremos contar com perspectivas de análise urbana voltadas para a escala do indivíduo e as formas como ele vê, sente, compreende e se apropria da cidade. Essa é uma mudança importante de paradigma que pudemos visualizar neste estudo, bem como as partes envolvidas e a origem de seus estudos, compondo um painel internacional diverso de contribuições ao longo da historiografia. Destaque às contribuições representativas brasileiras, que entram nessa cronologia por esforço de Del Rio (1990), localizando a produção intelectual latina frente às produções europeias convencionalmente referenciadas. Consta-se assim uma contribuição significativa aos estudos historiográficos, na medida em que reposiciona a produção intelectual, deslocando-a para padrões anti-hegemônicos.

Pela leitura e análise da linha historiográfica que construímos, podemos perceber que a partir de uma leitura de base morfológica iniciada em meados nos anos de 1950 com Muratori, e somada aos estudos da percepção do ambiente de Gibson, forma-se um arcabouço teórico para embasar a crítica perspicaz de Jane Jacobs em 1961, que dará fôlego para novas pesquisas e debates em torno da crise da cidade nos moldes modernistas.

Não obstante as ideias dos pioneiros terem influência, ela era limitada. Mesmo assim, eles plantaram muitas sementes que iram germinar nos anos 1960 e florescer no início do século XXI quando, finalmente, suas ideias seriam mais amplamente aceitas conforme mudaram os valores da sociedade (GEHL, 2018).

Lynch e Cullen (em 1960) irão permear seus estudos e proposições de análise tanto da percepção do ambiente quanto na análise visual, ferramenta de suma importância para identificar a forma como os indivíduos veem, sentem e experimental o espaço, e assim, formar as bases de um verdadeiro manual utilizado até hoje para os trabalhos e projetos no campo do urbano. Destacamos também nesta linha os trabalhos de Yi-Fu Tuan em 1974 detalhado a percepção, atitudes e os valores do meio ambiente.

Essencial para fomentar a segunda etapa das discussões sobre as metodologias aplicadas à leitura e proposições projetuais nas cidades é o trabalho de Panerai em 1980, que retoma escalas e conceitos urbanos necessários para novas pesquisas. Esse conhecimento certamente nos proporcionará um caminho para um presente e um futuro baseado em nossas boas práticas e experiências do passado, mas contendo instrumentos metodológicos aplicáveis e que apresentem princípios sustentáveis.

Referência contemporânea de importante relevância é o autor Jan Gehl, que em 1987 já falava nos aspectos do comportamento ambiental dos indivíduos na cidade e na contemporaneidade (em 2013) veio a publicar *Cidades Para Pessoas*, onde aborda de forma

aprofundada e bastante didática e objetiva, questões que são fundamentais para a qualidade de vida na cidade e que refletem decisivamente na escala dos espaços, nas soluções de mobilidade urbana e nas dinâmicas que favorecem a vitalidade, a sustentabilidade (GEHL, 2013). Esse mesmo autor, nos traz em 2018 uma proposta de como estudar a cidade, mostrando aos pesquisadores da cidade que ainda temos um longo caminho a percorrer e que precisamos criar meios eficientes para atuar nos espaços urbanos.

Neste século XXI, os estudos sobre a cidade expandiram o conceito de sustentabilidade, antes trabalhado com maior ênfase no meio ambiente natural, para uma perspectiva ambiental, social e econômica, buscando maior conhecimento sobre a dinâmica da coesão social e econômica do espaço público.

O ponto de partida e o motivo das nossas pesquisas deve ser o desenvolvimento da vida urbana com qualidade e para tal, precisamos de estudos mais aprofundados.

Sabemos muito pouco sobre o que faz um bom espaço público. [...] No decorrer dos anos, as atividades urbanas mudaram e novos grupos de usuários surgiram. Se antes, a vida na cidade no espaço público era dominada pelas atividades necessárias, hoje, atividades opcionais e recreativas estão no topo da agenda. Trabalhamos, vivemos e brincamos de maneira a propor novas demandas para as nossas cidades (GEHL, 2018).

Caminhando para uma conclusão, vemos que um planejamento urbano que priorize as pessoas e a escala humana, manifesta o respeito às mesmas e promove convites para participarem da vida urbana. Certamente abrimos um leque de possibilidades para desdobramentos de novas pesquisas sobre como ao longo do tempo entendemos nossos espaços urbanos e como criamos ferramentas de ação sobre as cidades. Sem dúvida, o ponto central de todo esse esforço acadêmico e científico é o entusiasmo pela vida e pela cidade.

## 6 REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ASCHER, François. **Os novos princípios do urbanismo**. São Paulo: Romano Guerra, 2010.

CATALDI, Giancarlo; MAFFEI, Gian Luigi; VACCARO, Paolo. **Saverio Muratori e a escola Italiana de tipologia projetual**. Portugal: Revista de Morfologia Urbana (2014) 2(1). 25-36. Rede Portuguesa de Morfologia Urbana.

CAMPOS FILHO, Candido Malta. **Reinvente seu bairro: caminhos para você participar do planejamento de sua cidade**. São Paulo: Editora 34, 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Editora Ática, 2004.

CHOAY, Françoise. **O Urbanismo. Utopias e Realidades. Uma Antologia**. São Paulo: Editora perspectiva, 1992.

CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana**. Lisboa: Edições 70, 1983

DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo: PINI, 1990.

FAAR, Douglas. **Urbanismo Sustentável: desenho urbano com a natureza**. Porto Alegre: Bookman, 2013.

GEHL, Jan. **Life Between Buildings: Using Public Space**. Van Nostrand-Reinhold, Nova Iorque, 1987.

\_\_\_\_\_ **Cidades Para Pessoas.** São Paulo: Perspectiva, 2013

\_\_\_\_\_ **Vida nas cidades: como estudar.** São Paulo: perspectiva, 2018.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br) Acesso em: 18 ago 2023.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MORENO, Julio. **O futuro das cidades.** São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002.

MOORE, Gary T. Estudos de comportamento ambiental. In: SNYDER, J. **Introdução à Arquitetura.** Rio de Janeiro: Campus, 1984. p.65-88

PANERAI, Philippe. **Análise Urbana.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

ROGERS, Richard. **Cidades para um pequeno planeta.** Barcelona: Editora Gustavo Gilli, 2013.

ROSSI, Aldo. **Arquitetura da cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e urbanização.** São Paulo: Contexto, 1994.

WAISMAN, Marina. **O interior da história: historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos.** São Paulo: Perspectiva, 2013.